

Economia étnica, teoria econômica e a "escola da vida"

Roberto Grün*

Resumo: Esse texto pretende discutir algumas condições de inteligibilidade da teoria econômica a partir de um estudo etnográfico da comunidade armênia em São Paulo. A partir da constatação de que indivíduos socializados em gerações diferentes atribuíam significados distintos para o mesmo fenômeno da experiência econômica da comunidade, eu procurei compreender os usos diferentes do discurso econômico na justificação de pretensões ou de situações privilegiadas no seio do grupo. Essa *démarche* levou-me a uma indagação mais ampla sobre a relação entre o possível conhecimento estruturado da realidade social e as viseiras institucionais que impedem o seu desenvolvimento pleno.

Palavras-chave: armênios; conflito geracional; conhecimento científico & conhecimento prático.

Abstract: This essay intends to discuss some intelligibility conditions of economic theory based on an ethnographic study of the Armenian community in São Paulo. Starting from the perception that individuals socialized in different generations attributed different meanings to the same phenomenon of the community's economic experience, I have attempted to understand some different uses of economic discourse in justifying privileged intents or situations within the group. This *démarche* led me to a broader question regarding the relation between the possible structured knowledge of social reality and the institutional blinders that prevent its full development.

Key-words: Armenians, generational conflict; scientific knowledge & practical knowledge.

* Universidade Federal de São Carlos.

Economia étnica, teoria econômica & ideologia

A idéia de “economia étnica” é utilizada para dar conta da criação, manutenção e eventual desaparecimento de espaços econômicos privilegiados para a ação de empreendedores oriundos de alguma minoria “racial” em economias capitalistas maduras¹. Ela se relaciona com o conceito anterior de “middle-men minorities”, por sua vez relacionado a determinados grupos étnicos minoritários, especializados em funções de intermediação comercial em sociedades pouco abertas. Inicialmente, esses grupos eram identificados nas economias ocidentais pré-capitalistas como pertencentes aos judeus e armênios. Mais tarde, o conteúdo do termo foi ampliado para abarcar a atuação de chineses étnicos em diversas regiões banhadas pelo Oceano Pacífico e foi progressivamente alargando seu espectro, incluindo diversas minorias étnicas ou religiosas que, parafraseando Marx, “viviam nos poros” de diversas sociedades². Fundamentalmente, a idéia é que dentro desses grupos ou nos espaços da economia étnica, formados inicialmente por membros das “minorias intermediárias”, mas posteriormente por diversos grupos sem essa experiência prévia (p. ex.: coreanos nas Américas; indianos na África Oriental), cria-se uma espiral positiva de “entre-ajuda”, onde os diversos membros adotam uma atitude de cooperação a longo prazo com seus patrícios, que parece desafiar os princípios básicos da ação racional na esfera econômica, já que opõe uma racionalidade “grupal” que prepondera face ao esperado predomínio de uma racionalidade “individual”.

Este tópico tem ganho muito interesse nos últimos anos porque parece dar pistas para resolver dois problemas sociais da atualidade: a necessidade de criar mais empregos e de minorar as assimetrias a que fazem face grupos desprivilegiados: de um lado, como a economia étnica está associada a setores de indústria leve, como confecções ou ao pequeno comércio, todos típicos de “trabalho intensivo”, ela poderia ajudar as sociedades a criar mais postos de trabalho “produtivos” a baixo custo unitário. Do outro, ao mostrar como grupos socialmente estigmatizados conseguiram sucesso econômico em sociedades que contem outros segmentos na mesma situação cultural, mas também majoritariamente

¹ Um bom resumo dessa linha de análise pode ser encontrado em I. Light e S. Karageorgis: “The Ethnic Economy”, in: N. Smelser e R. Swedberg (eds.): “The Handbook of Economic Sociology”, Princeton U.P. & Russel Sage, 1994, pp. 647-671.

² Uma tentativa sistemática de entender o fenômeno, elencando grande parte da bibliografia, pode ser encontrada em W. Zenner: “Minorities in the Middle: A Cross-Cultural Analysis”, SUNY Press, 1991. Boas tentativas de dar conta das posições de clássicos da história econômica sobre o assunto podem ser encontradas em P. Mendès-Flohr: “Werner Sombart and Modern Capitalism: An Analysis of Its Ideological Premises”, *Leo Baeck Institute Yearbook (LBY)*, nº21, 1976 e W. Mosse: “Judaism, Jews and Capitalism: Weber, Sombart and Beyond”, *LBY* nº24, 1979. Existe enorme discussão sobre a relação entre essas posições econômicas e os preconceitos e perseguições que seus ocupantes sofreram no decorrer da história. Tento explorar algumas consequências desse fenômeno para a vivência judaica no Brasil em: R. Grün: “Os judeus na política paulista: identidade, anti-semitismo & cultura”, in: B. Fausto et alii: “Imigração e política em São Paulo”, Ed. Sumaré/Fapesp, 1995, pp.71-126. Sobre a atuação de sírios e libaneses em posições desse tipo no Brasil, ver O. Truzzi: “Patrícios” (título provisório), Ed. Hucitec, 1997.

situados nos estratos sócio-econômicos mais baixos (negros nascidos nos EUA; árabes magrebinos nascidos na França, etc.), para os quais imagina-se a necessidade de diversos tipos de “ação afirmativa”, tenta-se descobrir os “segredos” do exemplo dos grupos estigmatizados que “deram certo” para replicá-lo nos grupos que necessitam de maior assistência.

Finalmente, como corolário do ponto acima e no quadro das “cultural wars” que estão sendo travadas nos EUA, a economia étnica ganha uma dimensão fabular, não menos importante, aumentando o arsenal retórico neo-liberal. Aos olhos de muitos participantes do novo credo, ela mostraria para os membros dos grupos menos favorecidos, e para a sociedade em geral, como pessoas em condições análogas àquelas das minorias desprivilegiadas souberam vencer as adversidades através do espírito empreendedor, conquistando uma situação econômica por vezes invejável, mesmo para indivíduos do “mainstream” das sociedades avançadas³. Esta evidência teria o poder de desmentir as explicações sociológicas para as dificuldades dos indivíduos oriundos das camadas menos favorecidas das sociedades, individualizando a estrutura causal dos sucessos e fracassos. Neste novo quadro conceitual, a própria questão do racismo ganha uma outra dimensão. Agora, não existe estrutura social capaz de impedir a ascensão de empreendedores realmente capazes e decididos. E para formar tais empreendedores, nada pior do que a ação protetora do Estado, que induz os indivíduos à falta de ação e à preguiça, acostumando-os a culpar os outros pelas suas próprias falhas de caráter⁴.

Minha intenção analítica principal é de, a partir de uma pesquisa sobre a inserção econômica dos armênios e seus descendentes no Brasil, trabalhar a relação entre a esfera econômica e a esfera cultural, mostrando diversas nuances do seu entrelaçamento. Para isso, iniciarei com um resumo dos resultados de pesquisas de campo, tentando mostrar a lógica e os problemas das situações encontradas, para depois esboçar uma análise de seus

³ Sobre o caráter metafórico dos debates econômicos e as armadilhas que o não controle dessa dimensão podem acarretar, ver, além dos trabalhos já clássicos de D. McCloskey, F. Block “Mirrors and Metaphors: The United States and his Trade Rivals”: “...metáforas são instrumentos poderosos e indispensáveis para entendermos processos abstratos e complexos. Os problemas aparecem quando nós esquecemos que estamos pensando metaforicamente. Uma metáfora particular pode ser tão “dada de barato” no nosso ferramental intelectual que ela estrutura nossa percepção da realidade de uma maneira sutil e sem nos darmos conta. Essas metáforas escondidas podem tornar nossas teorias completamente insensível a qualquer contraprova. Não importa quantas evidências um crítico possa reunir, simplesmente não existe um meio de persuadir alguém que já tenha organizado o seu pensamento em torno dessas metáforas ‘taken for granted’.” (p.101), in A. Wolfe (ed.): “America at Century’s End”, U. of California Press, 1991, p.93-111.

⁴ Sobre a consistência dessa explicação, que entra em harmonia com os quadros conceituais manejados por largos setores da sociedade e que portanto goza de poder de atração que não deve ser subestimado, ver G. Lakoff: “Moral Politics: What Conservatives know that Liberals Don’t”, Univ. of Chicago Press, 1996, p.222 e seq.

condicionantes e de sua relação com a teoria econômica vista como ideologia⁵. Antes de provocar algum mal-entendido, faço minhas as palavras de G. Duby⁶:

“A ideologia, sabemos-lo bem, não é um reflexo do vivido, mas um projeto de agir sobre ele. Para que uma ação tenha qualquer possibilidade de eficácia, é preciso que não seja demasiado grande a disparidade entre a representação imaginária e as “realidades” da vida. Mas a partir daí, se o que se diz e o que se escreve é entendido, novas atitudes cristalizam e vêm modificar a forma pela qual os homens compreendem a sociedade de que fazem parte”.

Os armênios no mosaico étnico dos imigrantes provenientes das “nações comerciantes”.

O material empírico primário foi coletado inicialmente durante uma pesquisa coletiva realizada no Idesp, onde analisei as formas de inserção da etnia armênia no Estado de São Paulo (já referida no texto), uma pesquisa individual sobre a participação de judeus e de descendentes de sírios e libaneses na indústria de celulose brasileira⁷. Utilizarei também, incidentalmente, dados colhidos por Oswaldo Truzzi (cit.) nos quadros da pesquisa conjunta do Idesp, referentes à ascensão dos sírios e libaneses e seus descendentes na estrutura social paulista.

No mosaico étnico acima, os sírios e libaneses, na sua grande maioria de religião cristã, foram a etnia mais importante. Primeiro pela magnitude do contingente que escolheu o Brasil, segundo pela criação do espaço econômico e político para a atuação de seus descendentes e também pela anterioridade do início do processo migratório em relação aos outros grupos citados. A partir do fim do século XIX, os mascates daquela origem “invadiram” o espaço econômico do Brasil rural e das periferias dos centros urbanos, deslocando seus antecessores, em geral portugueses e italianos. Posteriormente, à medida em que acumulavam o capital suficiente, foram se estabelecendo nas mais diversas regiões do país, mantendo um padrão único de distribuição/dispersão geográfica nacional.⁸

⁵ Lembremos que Keynes já alertava para essa questão no parágrafo final de sua “Teoria Geral”: “...as idéias dos economistas e dos filósofos políticos estejam elas certas ou erradas, têm mais importância do que geralmente se percebe. De fato, o mundo é governado por pouco mais do que isso. Os ‘homens objetivos’ que se julgam livres de qualquer influência intelectual são, em geral, escravos de algum economista defunto. Os insensatos, que ocupam posições de autoridade, que ouvem vozes no ar, destilam seus arrebatamentos inspirados em algum escriba acadêmico de certos anos atrás.” (A Teoria geral do emprego, do juro e da moeda, in “Keynes”, Abril Cultural, 1983, pg. 259)

⁶ “As três ordens ou o imaginário do feudalismo”, Ed. Estampa, 1982, pg.21.

⁷ R. Grün: “Capital e Estado: Uma proposta de análise do setor de papel e celulose brasileiro através da análise neo-institucional”, comunicação apresentada ao XVIII Enanpad, Curitiba, 1994.

⁸ E que pode ser responsável por grande parte do sucesso dos membros da etnia na esfera política. Ver O. Truzzi: Sírios e libaneses em São Paulo: a anatomia da sobre-representação”, in B. Fausto et alii (cit.), p.27-70.

A explicação para seu sucesso pode ser encontrada na entre-ajuda. A partir de um primeiro núcleo constituído no fim do século XIX em torno da família Jafet, os membros da etnia foram se especializando na venda de produtos têxteis e miudezas em geral (pentes, fivelas, alfinetes, botões, materiais religiosos, etc.), ideais para o pequeno comércio ambulante. Os membros da etnia recém-chegados ao Brasil eram “dotados” de mercadorias dessa natureza, que lhes eram adiantadas para pagamento após a consumação da venda ao consumidor final, e de indicações para regiões nas quais poderiam iniciar seu comércio. Em geral eles tinham algum grau de parentesco ou, no mínimo, vinham das mesmas aldeias de que eram provenientes os indivíduos já estabelecidos, sendo precedidos de apresentações por carta ou acompanhados por parentes ou patrícios já conhecidos que atestavam a sua boa origem e índole. Uma vez de posse dos produtos e informações geográficas, os novos mascates iam tentar a sorte nos mais diversos rincões do Brasil, em geral, nas frentes de expansão agrícola. Cada novo mascate que chegava representava uma possibilidade de ampliação da escala de negócios para os patrícios já estabelecidos, e o resultado agregado dessas ações foi o estabelecimento de uma rede de patrocínio e de interesses comuns. Assim, mascates bem-sucedidos tornavam-se pequenos comerciantes estabelecidos, os pequenos aumentavam sua escala e os atacadistas transformavam-se em industriais, sempre apoiados pela cadeia, cada vez mais entrelaçada. Como a vivência econômica era o centro das sociabilidades, era também ali que se estabeleciam as alianças matrimoniais e as lentes cognitivas dos jovens que assim passavam por uma socialização bastante propícia à continuidade dos negócios. Detalharei esse processo no tópico seguinte, a partir do exemplo dos armênios.

Os armênios, de início considerados simplesmente como mais uma denominação das diversas Igrejas médio-orientais, constituíram um nicho de especialização funcional na indústria e comércio de sapatos paulista a partir do final da década de 1920 ao mesmo tempo em que recriaram sua identidade grupal num intenso processo cruzado de investimentos culturais, religiosos e econômicos⁹. O primeiro grupo, reduzido a umas poucas famílias, chegou ao Brasil a partir do fim século XIX vindo da então Armênia Oriental (território que corresponde grosso modo à atual República Armênia) e acompanhou os sírios e libaneses em suas lides. O segundo, chegado ao Brasil a partir de 1924, quando o governo brasileiro concordou em receber refugiados dos massacres de 1915, é oriundo da região pelos armênios chamada de Cilícia, que corresponde aos atuais sul da Turquia e norte da Síria. Esse contingente foi bem mais numeroso e acabou estabelecendo o “cluster” étnico¹⁰. A primeira leva, apesar de pouco numerosa, trouxe os patriarcas de muitas das famílias proeminentes da colônia, como os Gasparian, Keutenedjian e Nazarian¹¹. Fala-se que esse contingente inicial foi atraído principalmente pela possibilidade de emprego nos portos do Rio de Janeiro e Santos, então em processo de modernização. A inserção funcional desse primeiro grupo segue o padrão dos sírios e

⁹ R. Grün: “The Armenian Renaissance in Brazil”, *The Americas*, 53:1, julho de 1996, p.113-151

¹⁰ R.Grün: “Negócios & Famílias: Armênios em São Paulo”, Ed. Sumaré/Fapesp, 1992

¹¹ Relato esse processo de forma mais detalhada em “Negócios & famílias”.

libaneses, seus conterrâneos no Oriente Médio. Eles se dedicaram de início ao pequeno comércio ambulante - o mascateamento - e posteriormente os bem sucedidos ingressaram na indústria têxtil. Talvez o principal exemplo dessa trajetória de sucesso tenha sido Varam Keutenedjian, fundador do Lanificio Varam (que nos anos 1960 seria vendido e transformado na base inicial a partir da qual formou-se o grupo Vicunha) e proprietário do Hotel Danúbio, empresas muito importantes em seus respectivos ramos na década de 1950.

A segunda leva de armênios trouxe para o Brasil principalmente os sobreviventes dos massacres perpetrados pelos turcos no início do século. Esse grupo, que imigrou para o Brasil principalmente na década de 1920, compunha-se dos ancestrais da maior parte dos descendentes de armênios brasileiros. Com a ajuda de seus conterrâneos já estabelecidos, eles criaram uma rede de entidades comunitárias, destacando-se a Igreja Apostólica Armênia e a Igreja Católica Armênia e respectivas escolas. Uma vez que a maior parte do novo contingente de imigrantes consistia de membros de famílias destroçadas pelo genocídio, onde ocorreu uma interrupção do processo de socialização na cultura armênia, o conjunto de instituições da colônia foi responsável por um verdadeiro renascimento da cultura da etnia em terras brasileiras. No nosso ponto de vista, a especialização funcional no ramo de calçados deu-se como uma das facetas do processo de recriação cultural.

A fixação do núcleo

O início e ampliação do núcleo de armênios estabelecidos no ramo dos calçados pode ser avaliado muito rapidamente através das estatísticas industriais da província de São Paulo: o anuário industrial de São Paulo de 1928 registrava oito fábricas visivelmente pertencentes a armênios na cidade de São Paulo, para um total de cento e vinte estabelecimentos. Já a edição de 1938 trazia quarenta e sete empresas cujos proprietários ostentavam sobrenomes de origem armênia¹² para um total de duzentas e dez fábricas. A porcentagem de empresas pertencentes a membros da etnia salta portanto, em uma década, de 7% para 22%. Talvez por se tratar de um segmento de indústria ligeira, esse processo de concentração no ramo de calçados simplesmente não é registrado nas obras que tratam da História da Economia Brasileira. Os poucos dados secundários que podemos obter a seu respeito são indiretos, como os dos anuários industriais. Assim, a maior parte dos dados que recolhemos são originários de entrevistas obtidas junto aos filhos dos armênios que iniciaram a concentração da etnia no setor. Eles estão hoje na casa dos 50 aos 60 anos de idade, mas na sua quase totalidade começaram a trabalhar muito cedo com seus pais.

O núcleo dos "sapateiros" armênios se formou principalmente através da ajuda¹³. A conexão com o grupo precedente pode ser explicada pelo fato de que os primeiros passos dos armênios no ramo dos calçados foram a produção das "babuchas" -

¹² Os sobrenomes de origem armênia terminam invariavelmente com o sufixo "ian", que significa "filho de..".

¹³ Alguns entrevistados falam que o imigrante Sarkis Semerdjian teria sido o primeiro armênio a se estabelecer no setor, ou que, pelo menos, ele teria sido o maior expert na fabricação de calçados da primeira geração.

chinelos para idosos, confeccionados com lã grosseira e espessa, que era produzida pelo então Lanificio "Gasparian, Keutenedjian & Filleppo" e vendida a crédito pelos membros das famílias pioneiras. No estabelecimento da rede, os recém-chegados eram apresentados a seus conterrâneos já estabelecidos, em geral nas Igrejas. Esses últimos empregavam os novos em seus negócios como homens de confiança e os novatos iam realizando uma pequena poupança, ao mesmo tempo em que iam aprendendo o ofício. Num segundo momento, os novatos se estabeleciam, contando com a ajuda em espécie - moldes de coleções antigas, "pontas de estoque", couro de qualidade inferior, etc. - créditos e apresentação junto aos bancos e fornecedores¹⁴ de seus antigos empregadores, que desta forma se transformavam em patrocinadores. Evidentemente esse processo se dava num clima de intensa complicidade e, não raro, a relação entre o negociante estabelecido e seu "braço direito" acabava passando pelo casamento do último com alguma moça da família do primeiro, repetindo, em grandes linhas, os ciclos econômico-sociais inaugurados pelos sírios e libaneses..

Nas entrevistas, quando inquiridos sobre as razões de sua especialização funcional, nossos informantes assinalavam com frequência que os armênios eram um povo de sapateiros desde tempos imemoriais. No princípio, essa informação parecia simplesmente falsa. Posteriormente ela foi fazendo cada vez mais sentido, quando referida a um sistema ideológico que procura ressaltar as boas qualidades dos armênios em contraposição aos "gentios". Numa versão interessante da predestinação calvinista, os armênios se consideram destinados a ocupar posições elevadas na estrutura sócio-econômica do Brasil, porque são honestos, trabalhadores, tementes a Deus dentro de uma ortodoxia estritamente cristã - considerando-se inclusive o primeiro povo a adotar o cristianismo em todo o mundo¹⁵. No interior deste sistema simbólico, o fato de o bem-estar dessa comunidade derivar-se da posição proeminente de seus membros no ramo dos calçados estaria também ligado às qualidades originais da etnia, uma espécie de herança genética e portanto inquestionável. É claro que estamos diante de um mito, do qual devemos frisar o sentido especificamente antropológico, distinto portanto do senso comum. A possível verdade histórica da versão de

¹⁴ O couro era, evidentemente, a principal matéria-prima para a produção de calçados na época. Os entrevistados falam do domínio da área de comércio de couros em São Paulo por grupos de negociantes de origem italiana, em geral estabelecidos no bairro paulistano do Brás. Para os outros insumos, como colas, pregos e ferragens, eles falam no papel central da "Casa da Bóia", um importante estabelecimento comercial paulistano situado na Rua Florêncio de Abreu e até hoje marco arquitetônico da cidade, de propriedade de Riskallah Jorge, um libanês casado com uma armênia, que não só adiantava mercadorias para os armênios recém-instalados como era também um dos maiores bem-feitores da colônia, contribuindo financeiramente para a construção da Igreja e mantendo, nas dependências interiores da própria Casa da Bóia um local para o acolhimento dos imigrantes.

¹⁵ É importante notar que esse conjunto de representações tem a clara intenção de fazer registrar o grupo como pertencente à "raça branca", procurando desfazer o efeito de trabalhos de intelectuais brasileiros importantes, como Oliveira Vianna, segundo os quais os armênios seriam uma raça "levantina", distante portanto do ideal branco-nórdico donde poderiam vir as melhores contribuições eugênicas para a constituição da raça brasileira. Ver detalhes sobre a questão em "Negócios e famílias..", p. 28 e seq.

que os armênios são um povo de hábeis artesãos de couro desde a antiguidade é muito menos importante do que o estabelecimento da crença coletiva na veracidade da versão apresentada pelos membros da colônia.

O compartilhamento da "doutrina da amenidade" - que pelas entrevistas realizadas parece quase unânime - tem importantíssimos efeitos performáticos, no sentido de prescrever um estrito código de conduta para os descendentes de armênios. Essa particularidade fornece a base para a criação de um "nicho de capitalismo da boa-vontade" no seio da colônia armênia em São Paulo¹⁶. Honestos, eles são parceiros comerciais confiáveis: no interior da colônia, é uma suposição razoável imaginar-se que a palavra empenhada, o "fio de bigode", vale mais do que um contrato escrito. A possibilidade de se trabalhar com parceiros comerciais "na confiança" sem necessidade de formalização dos acordos é uma importante economia de custos de transação não só no seu sentido clássico de estabilizar as expectativas de comportamento recíproco, mas gerando também a possibilidade de aprofundamento da informalidade contábil, que resguarda as empresas da ação de agentes exteriores, como o fisco. Trabalhadores, eles podem ser considerados como "bons investimentos". Assim, ajudar um patrício emprestando dinheiro ou adiantando mercadorias seria uma operação econômica de baixíssimo risco, mas, mais do que isso, tem importantes repercussões na ampliação e solidificação dos laços intra-étnicos. O circuito onde os "custos de transação" se mantêm baixos é constantemente aumentado; recriam-se relações de cumplicidade hierárquica incessantemente; as inovações tecnológicas e informações sobre o ambiente econômico fluem muito rapidamente e, finalmente, o sucesso econômico de cada um reforça a crença coletiva na predestinação e no fato de que "*o sapato está no sangue do armênio*", construindo e reconstruindo a cada momento a armenidade no seio do grupo.

A possibilidade mesma do rápido desenvolvimento do nicho armênio no setor de calçados pode ser explicada "economicamente" pela quase inexistente barreira de entrada para o negócio até os anos 1960. Segundo nossos entrevistados, "*naquela época, o couro era praticamente de graça e era fácil conseguir com os patrícios moldes e máquinas de costura velhas*". Conforme mudanças de tais premissas, principalmente no que concerne ao custo do couro, subia a barreira de entrada e os armênios passavam a direcionar a estratégia de crescimento de seus negócios rumo ao comércio de calçados, deixando progressivamente a indústria¹⁷. O sucesso alcançado na indústria será reprisado no comércio, onde descendentes de armênios aparecem atualmente como proprietários de grandes redes de comercialização de calçados populares de São Paulo, como "Besni"; "Babuch", Casas Alegria, etc. e no setor de mais luxo, como as Casas "Rosa

¹⁶ R. Dore: "Goodwill and the Spirit of Market Capitalism", *British Journal of Sociology*, (34), p.459-482, 1983.

¹⁷ Outro ponto que concorre para o abandono da indústria calçadista pelos armênios é o aumento da concorrência representada pelos pólos de produção de sapatos no interior de São Paulo, principalmente em Franca e Birigüí e no Estado do Rio Grande do Sul, nomeadamente em São Leopoldo e Novo Hamburgo. Em ambos os casos, trata-se de indústrias de porte que propiciam altas economias de escala. No Estado de São Paulo, podemos contabilizar uma quase maioria de calçadistas de origem italiana em Franca, mas não podemos adiantar que essa concentração tenha seguido o padrão de "cluster" étnico.

Amarela" ou a marca "Teresa Gureg"¹⁸. Entretanto, no comércio o controle das variáveis ambientais é muito mais difícil e a proeminência dos armênios fica ameaçada "por baixo" por um forte núcleo de comerciantes de origem nordestina estabelecido (inicialmente?) na região da Estação Roosevelt, no Brás, cidade de São Paulo e "por cima", pelos pequenos comerciantes e industriais de origem italiana que continuam mantendo a marca da excelência artesã no setor.

A experiência e a teoria

Uma explicação mais geral da experiência econômica-cultural da comunidade armênia em São Paulo remete-nos para discussões contemporâneas sobre a dinâmica do sistema capitalista. Na tentativa de dar conta das razões da capacidade do Japão, da Alemanha e de regiões da Itália de conquistar fatias de mercado, cada vez maiores, de setores industriais importantes como os de produtos eletrônicos, automobilístico e máquinas operatrizes, diversos autores lançam mão de teorias cujo eixo explicativo reside na maior eficiência das formas de coordenação governo & empresas; capital & trabalho e entre os diversos elos das cadeias produtivas dos ramos industriais propiciadas pela organização industrial daqueles países que estão, no momento, desafiando a tradicional supremacia econômica dos Estados Unidos. Essas formas de coordenação tem como peculiaridade o fato de substituírem a tradicional "via do mercado", onde cada ator econômico rege sua conduta pela maximização de seu interesse individual em determinada relação pontual - um axioma comportamental para o sujeito econômico da doutrina manchesteriana - por um processo de fidelização no longo prazo dos laços que unem os diversos indivíduos pertencentes ao mesmo grupo de interesses. Sob tal ótica, freqüentemente, os interesses de cada parte interessada nos processos econômicos são sacrificados a curto prazo, justificando-se essa conduta "anômala" através de uma finalidade de longo prazo, como por exemplo a já tradicional conduta econômica das empresas japonesas na concorrência mundial, onde os objetivos de se aumentar as parcelas do mercado para seus produtos são priorizados antes mesmo da maximização dos lucros. Neste padrão de comportamento cooperativo, uma vez conquistados segmentos de mercado mais expressivos, os lucros advindos do aumento de escala serão posteriormente repartidos em toda a cadeia que restringiu a lucratividade de suas operações a curto prazo. É claro que a possibilidade de um comportamento desta ordem só existe num ambiente de fortíssima coesão social e cultural, onde nem passa pela cabeça de qualquer ator da cadeia a hipótese do não cumprimento de uma reciprocidade¹⁹.

¹⁸ Nossos entrevistados falam que 50% do comércio de calçados em São Paulo estaria em mãos de armênios. Uma análise a partir de anuários comerciais do início dos anos 1990 permite-nos supor um número variando entre 40% e 50%.

¹⁹ O estudo sistemático da racionalidade econômica do comportamento de cadeia produtiva que esboçamos acima foi desenvolvido por Harvey Leibenstein em *"Beyond Economic Man. A New Foundation for Microeconomics"*, Harvard University Press, 1976.

Acredito que a constituição do núcleo de especialização funcional dos armênios no ramo de calçados em São Paulo seguiu uma lógica análoga. É claro que os limites do particularismo étnico desta experiência são flagrantes. Visto de fora - por exemplo, por empresários de outra origem ou por analistas de crédito - o núcleo é chamado de "máfia armênia" e cercado de restrições. Enquistada em suas posições, a "máfia" restringiria a livre-concorrência no setor e dessa forma atentaria contra os fundamentos da ordem econômica. Não é assim por acaso que argumentos da mesma ordem são enunciados em vários segmentos da sociedade norte-americana - e ecoam no Brasil - como reação às dificuldades encontradas pelas empresas daquele país na concorrência econômica mundial. De qualquer forma, diante do exemplo magnífico da organização industrial japonesa, o caráter "anômalo" de experiências como a dos armênios paulistas - que se repete em diversos momentos e setores para o setor de confecções, tecidos, armarinhos para núcleos judeus, sírios e libaneses e mesmo no ferro-velho para os espanhóis radicados em São Paulo - tem de ser, no mínimo, repensado. É importante salientar que, diante da impugnação do estilo de atividades de seus pais por parte das atuais instâncias legítimas de difusão de técnicas de "management", como a imprensa especializada e as Escolas de Administração, os jovens armênios, que se iniciam nos negócios, acabam relevando o significado das experiências do passado, contribuindo para fazer esmaecer o "cluster" étnico²⁰. Mas mesmo nessa instância, o substrato étnico aparece: ao indagarmos nossos entrevistados jovens sobre suas carreiras escolares, ficava patente a existência de tensões que os separavam da maior parte de seus colegas de outras origens étnicas e sociais. Ao falarem sobre sua relação com o conteúdo dos ensinamentos de gestão e de economia, sua expressão era quase de desdém, ressaltando o caráter "abstrato" do que aprendiam nos cursos superiores, tendo como comparação implícita, a "Escola da Vida". Mas de qualquer maneira, estamos diante de uma típica situação de "double bind" em que, diante de seus pais, os jovens armênios armam-se da modernidade encarnada nas "modernas técnicas de gestão empresarial"; enquanto que diante de seus colegas mais dados a exercícios reflexivos, eles afirmam a sua individualidade de homens práticos²¹.

Quais são as condições para o recebimento dos exemplos e dos desenvolvimentos teóricos que acabo de lembrar? Afinal, qual é (ou são) a(s) ideologia(s) do cluster? Quais seriam as condições para a continuidade do cluster? Tentarei dar conta destas questões nos próximos segmentos.

²⁰ É claro que não podemos afirmar que a experiência da especialização funcional seja dotada de uma positividade absoluta. Entre outros problemas, ela impedia, em caráter quase completo, as possibilidades de casamento interétnico ou a escolha de carreiras profissionais distintas das desejadas pelos detentores do poder patriarcal na família. Discuto a questão adiante.

A produção de homens necessários ao funcionamento da teoria

O modelo antropológico e a vida real

A criação e a manutenção de um espaço onde a entre-ajuda se impõe é um processo extremamente custoso e relativamente frágil²². Ela depende da imposição de uma verdadeira “contra-cultura” que resguarda o “cluster” dos comportamentos oportunistas, o clássico problema do “free rider” na teoria da ação coletiva. Nos relatos, ao lado do enunciado da norma coletiva, aparecem menções mais ou menos veladas aos “tombos” que uns patrícios davam nos outros, revelando uma enorme tensão entre o que deveria ser o padrão ideal de comportamento e as estratégias pessoais realmente observadas. O trecho de entrevista abaixo dá cor ao problema:

“O crédito se dá pela apresentação. É o fabricante, o patrão inicial que apresenta: 'Esse aí trabalhou comigo, pode vender p'rá ele.. Teve muita gente que ficou pobre porque tal era a vontade de apresentações, de ser fiador e avalista de negócios para terceiros “armênios”, que teve algumas famílias tradicionais que quando uma pessoa que mereceu crédito foi infeliz em algum negócio, levaram na cabeça, e aconteceu para várias famílias armênias isso..era gente de outra formação, que não negavam apresentação ou aval a ninguém..inclusive de levar patrício no banco e chegar para o gerente dizendo: 'abre uma conta para ele que eu garanto, assino tudo.. houve muito disso.... Necessidade de dar apoio, de dar apoio..todo mundo achava que a gente era turco, havia essa necessidade de cooperar com o outro para dizer: eu não sou turco, sou armênio, era um armênio ajudando o outro. Quando a gente era criança, em Osasco ou na Rua Pajé, se alguém chegava e falava “ô turco..”, juntava uns 20 ou 30 “armênios” e massacrava o cara, até que ele aprendesse que armênio não é turco...” (entrevista concedida pelo Presidente do Sindicato dos Industriais de Calçados da cidade de São Paulo ao autor, 1991).

Notemos que nessa fala exemplar, a ajuda ao conterrâneo aparece como um índice de prestígio no interior da comunidade, preceito obrigatório para quem deseja ter seu valor reconhecido. Secundariamente para nossos propósitos do momento, podemos ver o profundo entrelaçamento da produção de identidade grupal com a construção do “cluster” étnico. Estamos aqui diante da questão fundamental para a análise sociológica dessa “economia”: o problema premente da expectativa do “contra-dom”. Para fazer jus a um lugar nesse grupo hierárquico, é necessário construir respeitabilidade, o que se faz principalmente através da outorga direta ou indireta de crédito. Mas a retribuição é uma “esperança matemática”, razoável, mas não 100% segura. A segurança absoluta só existe no modelo, que, enfim, não passa de um modelo....

²¹ Exploro essa ambigüidade mais extensamente em Grün (1997, cit.)

²² Ver L.THEVENOT: “Les investissements de forme”, in THEVENOT, L.(ed.): *Conventions économiques*, CEE - PUF, Paris, 1986, pgs. 21-71.

Relembremos, com Bourdieu, que o modelo antropológico não passa de um modelo também nas sociedades pré-capitalistas²³. Também ali o retorno do dom não tem nada de automático, ensejando estratégias (dos dois lados) as mais variadas, as quais, jogando justamente com a incerteza do retorno e do custo simbólico da retribuição ou não-retribuição do dom originário, contribuem para realçar ou subverter as hierarquias sociais existentes. O modelo precisa construir agentes que atuem conforme seus preceitos. Para isso, o trabalho de socialização é absolutamente crucial. Nas sociedades pré-capitalistas, ele se confunde com a educação dos jovens de uma maneira geral. Evidentemente a situação é diferente nas sociedades atuais: Aqui, a energia necessária para realizar o trabalho de socialização que é um pressuposto dessa "economia-não-econômica" só pode ser pensada como o resultado de um constrangimento identitário dos mais fortes²⁴. No nosso caso, a atração que nossos depoentes principais²⁵ apresentavam em relação ao ramo dos calçados é explicável: no momento em que eles entravam na vida adulta, o cluster étnico era praticamente a única inserção possível. A situação ficará mais nuançada para os atuais jovens.

Nesse sentido, examinei a questão em detalhe numa turma de formados no Ginásio da Igreja Apostólica em 1969. Nela, mais da metade dos rapazes profissionalizou-se no ramo de calçados, enquanto mais da metade das moças casou-se com alguém que se dedica àquele ofício. É claro que a Escola Armênia é um nicho de socialização protegida por excelência, viesando a amostra. Mas o dado demonstra, numa espécie de "tipo-ideal", como o setor de calçados estrutura as formas de sociabilidade da colônia.

O engajamento na esfera dos calçados é precoce e reflete de perto os condicionantes da estrutura familiar:

"Quando o menino tem doze anos, mais ou menos, ele começa a ir de manhã na escola e a tarde ele já vai com o pai na firma de calçados, enquanto a menina, ela fica em casa estudando e ajudando a mãe; ele vai aprendendo o negócio.(..) passa um tempo e parece até que o rapaz nasceu numa caixa de sapatos.." (Tal é a facilidade com que ele se move no interior do ramo - R.G.).

A maturidade econômica dos agentes, no esquema que os informantes nos revelam, é mais rápida e mais promissora do que no circuito das profissões liberais. Sobreretudo no período

²³ P: Bourdieu: "*Le sens pratique*", Ed. Minuit, 1980, pp.178 e seq.. Uma outra digressão do autor no mesmo sentido, agora "medindo-se" contra tendências recentes da teoria econômica, como a economia das convenções a que se filia o autor citado na nota anterior, pode ser encontrada em "*Méditations Pascaliennes*", Seuil, 1997, p. 231-240.

²⁴ Daí o problema de chamar essa verdadeira fábrica de almas de "investimento em forma". A linguagem da economia, que induz-nos de maneira quase automática a pensar em agentes portadores de portfólios de haveres os quais eles poderiam comprar ou desfazer-se ao sabor dos preços de mercado, acaba justamente produzindo uma metáfora científica que desvia a investigação dos nexos realmente fundamentais para o funcionamento do cluster e de outras situações análogas.

²⁵ O grupo apresenta 3 gerações bastante evidenciadas: a 1ª de imigrantes que chegaram no Brasil nos anos 1920; a 2ª de seus filhos, hoje entre 50 e 70 anos a maior parte dos entrevistados e a 3ª formada pelos jovens, constituindo 1/3 da amostra, a quem irei referir-me mais adiante.

em que recolhemos as entrevistas (segundo semestre de 1990 e primeiro semestre de 1991), quando a crise econômica tornava mais problemática do que nunca a inserção profissional dos universitários recém-formados. Nesta colônia pouco numerosa, o apoio étnico atua de maneira mais efetiva no circuito do comércio, embora também a atuação concentrada de descendentes de armênios na construção civil seja um fato ressaltado pelos depoentes. Ao registrar esta tendência, nossos informantes rejeitam explicitamente as carreiras "normais" - para sua classe social e geração - que advém da formação universitária, com afirmações do tipo:

"todo mundo sabe que diploma não dá mais futuro para ninguém, como antes; que no comércio se ganha muito mais".

Os mecanismos de controle da reprodução étnico-social que pudemos apreender levam-nos para as "iscas", os operadores que motivam os jovens a entrarem no circuito ancestral. Surge então um trinômio, uma sequência temporal que tipificaríamos como "*dinheiro no bolso, carrão e loja no shopping*", correspondendo, no interior do sistema simbólico vigente, às três fases da investidura do jovem armênio na maioria comercial.

Além do caldo de cultura representado pela sociabilidade embebida em sapatos, que aparece quando os informantes descrevem-nos suas vivências nas Escolas Armênias, nas Igrejas e no Clube, temos uma série de incentivos diretos, uma espécie de "savoir-faire" pedagógico dos membros da geração anterior, que, através da inculcação de princípios práticos de valoração das partes do mundo²⁶, operacionalizam a socialização. O "*dinheiro no bolso*" é uma evidente tentação para o jovem, que passa assim a ser uma espécie de "dono da bola e das camisas" perante seu grupo de colegas, mas principalmente, induz a personalidade em formação a manter-se no padrão de valoração linear do dinheiro como única fonte de status. Eis uma fala exemplar:

"Eu dou bastante dinheiro para os meus filhos, para eles sentirem o gosto e terem vontade de ganhar mais. Minha mulher reclama às vezes que eu vou estragar os garotos, mas eu continuo dando, porque eu acho que deste jeito é que está certo..".

O anti-intelectualismo, necessário para tirar dos limites do pensável as alternativas "universitárias" de inserção social, surge quase como decorrência imediata da socialização²⁷. O exame de alguns pares simbólicos operados pelos membros de nossas amostras - e pelos negociantes em geral - dão uma idéia de como a tendência se instala na consciência dos agentes. O comerciante é o homem de ação típico. Valorizando-se a **flexibilidade** comum a este tipo de

²⁶ Ver N. Goodman: "*Ways of Worldmaking*", Hackett, 1978, pp. 12 e seq. Isoladamente, cada um dos pontos parece uma banalidade óbvia, em conjunto, formam uma visão de mundo que produz seus próprios mecanismos de apreensão e de seleção de fatos para a apreciação do mundo "real".

²⁷ O anti-intelectualismo deve ser rigidamente contextualizado. Numa comparação panamericana, poderíamos anotar que nos Estados Unidos em 1921, a etnia armênia registrou a maior porcentagem de estudantes de nível superior entre os diversos grupos de imigrantes. Naquele mesmo país, os acadêmicos de origem armênia alcançavam uma proporção de 31 a cada 10.000 indivíduos, contra 21 por dez mil de média nacional (R.MIRAK: "Armenians", in: THERNSTON, S. (Ed.) "*The Harvard Encyclopedia of American Ethnic Groups*", Cambridge, Harvard University Press, 1980, p. 142).

atividade, encontramos uma forte contraposição de sentido entre a **orientação para a ação** do homem de negócios e a **orientação para a reflexão** do intelectual, com as profissões que exigem nível superior abarcadas neste pólo. Um par simbólico corolário divide os indivíduos em: **empreendedores** de um lado e **funcionários** do outro, municiando as estratégias de reprodução étnicas contra a possibilidade de escolhas profissionais no setor público ou nas grandes organizações privadas. Além disso, entra no contexto a definição dos papéis sexuais, vinculando as condutas masculinas à loja, que significam a ação e o mundo exterior enquanto o papel feminino se vincula às lides reflexivas, à domesticidade “*enquanto a menina fica em casa estudando, o menino vai ajudar o pai...*” Cria-se desta forma um composto de significados vinculando a definição de homem completo à definição de empresário.

O **carrão** é uma evolução natural do “*dinheiro no bolso*”. Com toda a carga simbólica que o automóvel possui na sociedade brasileira, como indicador de riqueza, potência e independência, é dispensável o alongamento da explicação deste item. Cabe apenas a observação da possibilidade de se jogar com a complacência da fiscalização da lei que exige maioridade legal para os condutores de veículos. Dar um carro a um jovem menor de idade representa uma “irresponsabilidade civil” aos olhos da legislação, mas é também um mecanismo de reforço e de antecipação da “maioridade real”, que pode induzir uma precocidade na adaptação ao papel social de adulto, sinônimo de lojista, nesta zona do espaço social. O carrão é, então, mecanismo de reforço da opção pelo destino desejado pelo pai. O coroamento do processo é a “*loja própria, se possível no shopping*”, quando o rapaz se torna independente em termos jurídicos, com o negócio em seu nome, ou como administrador direto dele.

O modelo econômico e a vida real

Dois problemas aparecem na “produção de almas” que descrevi acima. O primeiro diz respeito ao caráter individualista das personalidades que dela surgem. O segundo, se relaciona ao papel das mulheres no esquema, mais difícil de ser legitimado no meio ambiente do que a opção comerciante. O individualismo dos jovens poderia comprometer a continuidade do cluster, montado na reciprocidade. Os “tombos”, vistos como uma anomalia a ser estigmatizada (e portanto controlada) pelos membros da geração anterior, passam a ser para os jovens uma “simples manifestação da natureza humana”.

Voltando ao Presidente do Sindicato patronal, os membros do círculo da crença, aqueles que não negavam crédito para nenhum conterrâneo, “*eram gente de outra formação*”. Ao dizer isso, ele quase que se desculpa pela atitude aparentemente irrealista de seus patrícios. Homem cultivado²⁸, exceção em sua geração, mas não entre os jovens a quem estou me referindo no momento, o entrevistado organiza suas memórias segundo o registro legítimo na norma culta para as atividades econômicas - a Teoria Econômica (seus coetâneos são essencialistas: para eles as virtudes dos armênios estão contidas no sangue, não tendo sentido nenhuma explicação “mundana”). Qual teoria econômica? Aquela mais conhecida e

²⁸ Além de Presidente do Sindicato patronal, ele se declara sociólogo e mestre em Sociologia.

legítima socialmente, a tradicional, onde os únicos atores legítimos são os indivíduos e seus apetites “naturais”. Poderíamos pensar em “propor”²⁹ ao depoente os desenvolvimentos recentes - a Teoria do custo de transação de Williamson, a Economia das convenções praticada principalmente na França, ou as análises sócio-econômicas que tentam dar conta dos distritos industriais de alto performance da “III Itália”. Mas, estamos falando não do debate econômico e sim das repercussões da teoria econômica na sociedade.

Além da questão da legitimidade, podemos falar de um mercado de ideologias - ou de teorias, onde os diversos segmentos da sociedade vão buscar *formas* para organizar suas experiências e o passado de modo geral. Como quer Hacking³⁰: “*Não há maneira canônica de pensarmos o nosso próprio passado. Na procura incansável por ordem e estrutura, nós captamos uma dentre as imagens que estão no ar e colocamos nosso passado nessa moldura*”. E como escolhemos as imagens citadas pelo filósofo? A análise institucional de Mary Douglas³¹ sugere algumas pistas, lembrando-nos que: “*As forças e fraquezas das nossas lembranças dependem de um sistema mnemônico que é a própria ordem social*”. Como mostra a autora em um texto mais recente, a sociedade moderna produz um tipo de dinâmica sócio-cultural que divide os indivíduos segundo as linhas de tensão expostas no quadro 1 abaixo, onde cada quadrante contém a sua própria visão da estrutura social:

Figura 1: O “mapa cultural”

Isolamento cultural B	Hierarquia conservadora C
Isolamento por escolha ou compulsão, literalmente sós ou isolados em estruturas complexas (valores ecléticos)	Grupos fortemente integrados com estrutura complexa - hierárquica com obrigação de reciprocidade (organizações “tradicionais” - antigas e modernas)
Estrutura fraca, incorporação fraca (individualismo competitivo; mundo dos empreendedores)	Grupos fortemente integrados com estrutura fraca (seitas igualitárias, mas também certas empresas modernas: de consultoria ou do chamado “capitalismo carismático” - Avon, Amway, etc.)
A Individualismo ativo	D Enclave dissidente

Fonte: M. Douglas: “*Thought Styles*”, Sage, 1996, p. 43 (ligeiramente adaptado)

Cada um dos quadrantes da figura acima induz seus integrantes a construir um tipo específico de “mundo”³², onde cada fato, ou evidência, é filtrado por um sistema simbólico

²⁹ Passei por essa tentação, felizmente superada.

³⁰ I. Hacking: “*Rewriting the Soul: Multiple Personality and the Sciences of Memory*”, Princeton U.P., 1995, p.89

³¹ M. Douglas: “*How Institutions Think*”, Syracuse U.P., 1986, pg.72. Estou descontextualizando ligeiramente a colocação de Hacking para realçar meu argumento. Devo lembrar que os dois autores “entre-citam-se” frequentemente com aprovação.

³² Ver N. Goodman (cit.). Uma pesquisa em curso mostra mais claramente a questão da filtragem de evidências sobre o mundo em camadas mais largas de nossas classes médias.

peculiar, adquirindo significado e relevância que pode ser muito diferente dependendo da pertença do indivíduo cognoscente...Aplicando a sugestão aos nossos armênios, podemos notar que o núcleo foi construído segundo a lógica de "B", caminhando rapidamente para "C" e daí, mais lentamente, para "A". Ele começa como um grupo isolado, que vai progressivamente adquirindo estrutura e funcionando de acordo com essa lógica. A estrutura realiza-se justamente através do ciclo de reciprocidades entre doadores e receptores que constrói a sua lógica ao mesmo tempo material e simbólica. No segundo momento, as obrigações advindas da estrutura hierárquica vão esmaecendo, perdendo sentido, com os indivíduos "libertando-se" de suas amarras comunitárias.

A tentação de fugir das obrigações passa por vários pontos. A mais óbvia, no registro econômico, é a tentação de fazer apressar o recebimento das heranças, que induz os jovens a desqualificar a capacidade empresarial de seus antecessores. Nesse sentido, o novo padrão de escolaridade, onde o curso superior passa ser uma exigência obrigatória nas esferas de sociabilidade burguesas e pequeno burguesas, age no sentido de fornecer aos jovens armas simbólicas que relativizam o saber de seus pais, participando de uma trama social que deveria chamar maior atenção dos que pesquisam as funções do ensino superior "de segunda linha" no Brasil de após a Reforma Universitária empreendida pelo regime militar.

Mas aparecem outras tentações, que reforçam o efeito da primeira, como a de ampliar o circuito de sociabilidade íntima para além da comunidade étnica, significando o aumento de possíveis parceiros de negócios, que passariam a ser elegíveis a partir de afinidades mais gerais encontradas nas classes médias e altas da sociedade brasileira e, principalmente, na luta pela imposição do sentido do que é um bom casamento. Para os membros da geração mais velha, tanto os possíveis parceiros comerciais como os cônjuges seriam necessariamente de origem armênia, restringindo drasticamente os graus de liberdade dos herdeiros. Em suma, para entender a dinâmica ao mesmo tempo econômica e cultural que divide as gerações do cluster, é necessário pensar que estamos diante de um poder patriarcal que é inerente ao quadrante hierárquico da sociedade. Embora não seja uma forma de opressão bem tipificada na nossa sociedade, o poder patriarcal não deixa de ser vivido e ressentido e quem sofre suas conseqüências tenta escapar delas, ainda que de maneira confusa.³³

Para grupos expressivos de comerciantes ou de aspirantes à essa condição, a publicação reiterada de estatísticas dando conta da pequena possibilidade de um novo "pequeno negócio" prosperar são sistematicamente vistas como problema para os outros, jamais para os entrevistados, os quais, ao considerarem-se indivíduos dotados de grande capacidade empreendedora, vêem nas notícias sobre as dificuldades do pequeno comércio como apenas mais uma prova de sua própria pré-destinação a "dar certo". Ver R. Grün: *"As classes médias e o novo sentido da inserção econômica no mundo do neo-liberalismo"*, texto a ser apresentado no V Encontro Nacional da ABET, setembro de 1997.

³³ Alguns anos de pesquisa em universos étnicos fazem-me crer que o poder patriarcal é constitutivo dessas esferas. Acredito que, por não ter sido bem trabalhado (ou mesmo entendido) pelos produtores culturais da sociedade, aqueles que o sofrem tem uma capacidade muito pequeno de se defenderem de seus efeitos, já que não o enxergam como opressão e, mais do que isso, a sensação de desconforto por ele provocada acaba sendo vivenciada como sentimento de culpa. Para entendermos do que estou falando, basta lembrar dos efeitos enormes da pregação feminista dos últimos 30 anos sobre a capacidade das

Questão correlata é a da situação das mulheres no esquema. Primeiro, como “pólos negativos” nos sistemas cognitivos, onde todas as virtudes estão do lado masculino. “No papel”, elas funcionariam como instrumento de troca entre as famílias, mas aí a conformação das agentes a esse papel de “moeda” é pouco provável³⁴. Colhemos vários depoimentos femininos questionando sua função no sistema. As mulheres queixam-se das sucessões familiares, onde seriam sistematicamente postas para trás, pois a velha geração das famílias transmitiria seu patrimônio em vida, direto para os herdeiros masculinos; da “falta de respeito e de confiança depositados nas mulheres que desejam lançar-se nos negócios”; do “machismo dos armênios, que as deixam sós nos bailes do clube e procuram divertimento com moças “da rua”. A queixa em relação às heranças é um ponto sociologicamente interessante: de um lado aparece a denúncia da injustiça, o que só pode denotar a crise do sistema simbólico no qual o fenômeno era natural. Para o ponto que desenvolverei na conclusão, essas queixas são vocalizadas usando a linguagem culta do Direito, do Código Civil e de suas interpretações em particular, que se contrapõe à linguagem do senso comum daqueles que expõem o padrão. Mas, quando indagadas pelo entrevistador sobre processos judiciais que questionariam a injustiça ou contenciosos familiares resolvidos amigavelmente de maneira diferente daquela predicada pelo modelo, as mulheres jovens não lembravam de nenhum caso, suscitando a idéia de que existe alguma cumplicidade feminina no prosseguimento do padrão. De qualquer forma, o aprofundamento das queixas femininas, ainda que aparentemente externo ao problema, pode fazer o sistema perder legitimidade num quadro em que a comunidade controla cada vez menos as trocas culturais com a sociedade inclusiva.

Conectando a teoria e a prática

Que tipo de teoria seria mais adequado para organizar as experiências em cada um dos quadrantes? Seguindo Hirsch e colegas³⁵, a teoria econômica “canônica” e a sociologia tem hipóteses explícitas e pressupostos diferentes que se consubstanciam no quadro 2 abaixo. Embora os autores façam a comparação entre a teoria econômica e a sociologia, podemos razoavelmente dizer que a Teoria das Organizações e a assim chamada “sócio-economia”, que embasam a teorização sobre distritos industriais compartilha da maior parte dos pressupostos da sociologia³⁶.

Quadro 2

mulheres em geral em entenderem e expressarem seus desconfortos. Sobre a generalidade da relação entre a construção de novas categorias cognitivas e a expressão de desconfortos anteriormente não inteligíveis, ver Hacking (cit.).

³⁴ Mas, não nos deixemos levar por concepções evolucionistas simplórias, nem pelas convicções éticas que às vezes agem como “impensado” no ambiente acadêmico. Em diversas situações, grupos conservadores estão aprendendo muito rapidamente as tecnologia sociais de reprodução das suas particularidades em ambientes aparentemente adversos.

³⁵ P. Hirsch, S. Michaels & R. Friedman: “Clean models vs. dirty hands: why economics is different from sociology”, in S. Zukin & P. DiMaggio (eds.): *Structures of Capital: The Social Organization of the Economy*, Cambridge U.P., 1990, pp. 39-56

Economia e sociologia: contraste entre os tipos ideais

Ítem	Economia	Sociologia
HIPÓTESES		
Hipóteses sobre a natureza humana	Racional Ambiciosa Egoísta Instrumental Preferências fixas	Complexa Variável Cultural Expressiva Preferências fluídas
Unidade principal de análise	Indivíduos	Coletivos
Conceito de sociedade	Nominal Agregado de indivíduos Hobbesiana	Real Sui generis Rousseau
Filosofia implícita	Behaviorista Materialista	Interpretativa Idealista
TEORIA E PESQUISA		
Modo de teorizar	Dedutivo Axiomático	Indutivo Dirigido pelos dados
Método	Modelação teórica analítica Matemática quantitativa Dados secundários	Indutiva, construída a partir dos dados Qualitativa e quantitativa Surveys Dados primários
Característica dos modelos	Poucas variáveis Elegância	Muitas variáveis Bagunçado
Critério para validade	Preditivo	Realista Explicativo
IMPLICAÇÕES POLÍTICAS		
Orientação em relação ao mercado	Pró Variável independente Mercado > empresa	Neutra Interventora ou variável dependente Empresa > mercado
Instância política	Normativa Orientada para soluções Tratamento Status quo Mercado livre	Neutra em valores Definidora de problemas Diagnóstico "Desmoralizando" Regulação
CONCLUSÃO	MODELOS LIMPOS	MÃOS SUJAS

Fonte: "Clean models...", p. 43

A concepção "natural" da natureza humana varia entre as disciplinas e varia também nos quadrantes do mapa cultural. Não é assim por acaso que a teoria econômica "canônica", supondo uma natureza humana axiomáticamente individualista, tem seus adeptos mais

³⁶ Além disso, Bourdieu mostra como a única possibilidade da Economia das Convenções perder seu caráter tautológico é justamente a introdução da cultura como "variável independente" ("Méditations" cit. pg.235).

ferrenhos entre os membros do quadrante “A”, jovens armênios incluídos. “Moram” nesse quadrante, além dos economistas, principalmente os cada vez mais numerosos grupos de especialistas de diversos produtos financeiros. Apesar de trabalharem normalmente em empresas de grande porte, eles vêem a sua atuação profissional como a projeção de sua capacidade individual³⁷. Nas empresas manufatureiras, as novas formas organizacionais inspiradas na “Agency Theory” também inspiram jovens engenheiros e administradores que acabam ocupando postos abertos nas novas “mini-fábricas” ou “quase-firmas” em que as grandes empresas estão se dividindo³⁸.

Uma característica quase universal dos ocupantes do quadrante “A” é o fato de estarem imersos em alguma forma de conflito geracional, na condição de desafiantes ou de conquistadores recém-chegados. Entre os mais velhos, como os armênios que estão nesse momento perdendo o controle dos negócios para seus filhos, a natureza humana é vista como mais complexa e modelável, os homens são mais produto do meio, da cadeia de reciprocidades. Compreensivelmente, eles ocupam o quadrante “C”, tendo como principal característica a espera do cumprimento das reciprocidades a que eles acham que têm direito. Uma vez que eles tudo fizeram pelos seus filhos, os jovens devem-lhes respeito e obediência. Para os desafiantes, é claro que o tempo dos mais velhos já passou.

O que varia de mais importante para o debate é a relação com o tempo e com a história. Para os mais velhos, o tempo é cíclico, havendo tempo de dar e tempo de receber. Para os mais novos, o tempo é linear: já que não há “free lunch”, os jovens já pagaram a dívida de que seus pais julgam-se credores. Aí, as relações econômicas intrafamiliares ganham interpretações opostas. Por exemplo: a “conquista” de uma nova freguesia pelo filho adolescente do negociante é vista por esse último apenas como etapa da educação do herdeiro, uma vez que o eventual fracasso na operação seria absorvido pelo pai; já o filho enxerga no mesmo fato o início da modernização do empreendimento, sem o que a empresa entraria em decadência. Aqui, o novo não está contido no velho, como querem os membros da geração anterior, mas é algo de inteiramente novo³⁹.

³⁷ Ver a respeito M. Abolafia: *“Making Markets: Opportunism and Restraint on Wall Street”*, Harvard U.P., 1996 p.36.

³⁸ Ver R. Grün (1997, cit.).

³⁹ Escutemos o “velho” economista, que já passou por muitas crises, diante das novidades do mercado financeiro: “O mais importante é a natureza peculiar da mente financeira; essa manifestação digna de nota da inteligência humana é caracterizada por um horizonte muito curto. Em consequência disso, a lembrança dos efeitos econômicos dos desastres do passado que ocorreram por causa de excesso de otimismo termina por se dissolver. No seu lugar aparece uma nova confiança no caráter único e no gênio extraordinário de uma nova geração; a marca dessa genialidade é sempre realçada pela alta conta que essas individualidades têm de si mesmos. Normalmente, trata-se de alguma nova variante ou nova ênfase no objeto de especulação - como no passado, o entusiasmo movendo-se dos papéis negociáveis (program trading in securities) para o mercado de futuros, ou para o mercado de opções, ou para os “junk bonds, ou para imóveis urbanos, ou para arte”: J.K. Galbraith: *“The Culture of Contentment”*, citado por F. Block: *“The Vampire State and Other Myths and Fallacies about the U.S. Economy”*, The New Press, 1996, pg.174. Nas páginas seguintes do livro, Block descreve sucintamente

Discussão e conclusões

O que podemos aprender sobre a possibilidade de novas institucionalidades a partir da “velha institucionalidade” em retração que apresentei? Há evidentemente duas maneiras de entender a relação entre a lógica econômica e a lógica cultural. Podemos pensar simplesmente que o modelo econômico impõe sua lógica sobre a esfera cultural. Assim, os jovens armênios, colocados diante da superioridade econômica da manutenção do cluster, iriam refrear sua tendência à autonomização e preservar o espaço onde todos os “patrícios” saem lucrando. Poderíamos pensar, no extremo oposto, numa situação onde os constrangimentos culturais que incomodam as novas gerações constituem-se num obstáculo insuperável para a manutenção do nosso espaço de “capitalismo de boa vontade”. Nesse caso, a história da inserção econômica dos armênios no Brasil teria importância “meramente acadêmica”.

Mutatis mutandis, vimos uma outra versão desse filme antes, e bem recentemente, a respeito da “transponibilidade” das técnicas de gestão industrial japonesas para o Ocidente. Após um imenso debate, onde os defensores do “aplica ou morre, e segundo o manual” se contrapunham àqueles que afirmavam que as técnicas só faziam sentido no universo cultural japonês, vimos a progressiva difusão das novidades, mas sempre que elas davam certo, eram acompanhadas de algum grau de invenção local⁴⁰.

Para tentar avançar neste caminho que parece conduzir a uma resposta ao impasse da contraposição apresentada no parágrafo anterior, proponho a abertura de uma dicotomia entre a “inteligibilidade histórica” do cluster e a sua “inteligibilidade lógica”. O primeiro conceito diz respeito às condições e “investimentos” que deram origem ao nicho. Vimos tratar-se de um conjunto indistinto de fatores econômicos e sócio-culturais, que conduz a vantagens, mas também cobra seu preço, que acaba inviabilizando a sua continuidade. Já a “inteligibilidade lógica” chama a atenção para a “troca de energia” peculiar ao nicho. Ela se distingue da explicação econômica pelo fato de também considerar o peso das variáveis sócio-culturais, mas, de maneira diferente das explicações culturalistas tradicionais, não mais como condições de contorno intransponíveis.

Meu esboço de resposta começa invocando a famosa tirada de Engels: “A liberdade é a consciência da necessidade”, para ajudar a pensar como o conhecimento sociológico da trama do nicho econômico pode justamente modificar as condições de contorno. Aqui, trata-se justamente de não subestimar, nem “passar por cima” dos constrangimentos sócio-culturais que impelem a dissolução do cluster, mas reconhecê-los e imaginar formas de relativizar os seus efeitos. Essa digressão conduz mais a uma série de perguntas do que a uma resposta: as restrições à liberdade individual que acompanham a manutenção do cluster

alguns mecanismos através dos quais a reavaliação de riscos se efetua, todos eles baseados em reconsiderações mais otimistas das garantias paralelas oferecidas pelos emissores ou tomadores de títulos.

⁴⁰ Foi o fenômeno que R. Cole analisou com bastante propriedade, intitulando-o a “reinvenção da roda”. Ver do autor: “*Strategies for Learning*”, Harvard U.P., 1989.

podem ser diminuídas, ou desaparecerem, se conhecidas de maneira objetiva? O ato de explicitar a tensão interna pode ajudar os atores a lidar melhor com ela? E, mais genericamente, esse tipo de tensão, resguardadas as diferenças, não acompanha qualquer tipo de arranjo sócio-econômico cooperativo?